

RESENHA

ZARUR, George de Cerqueira Leite. *A arena científica*. Campinas; Brasília, Autores Associados; FLACSO, 1994. (Coleção educação contemporânea). 196 p.

Pesquisador de inegável mérito profissional e de perfil incomum para a média do padrão acadêmico brasileiro, George Zarur reúne em sua mais recente obra um alentado estudo sobre a organização interna de três diferentes áreas da produção do conhecimento no Brasil (Geofísica, Zoologia e Antropologia). Doutor em Antropologia pela Universidade da Flórida e Ex-Pesquisador-Visitante do Departamento de Antropologia da Universidade de Harvard, baseou parte de seu livro na comparação entre segmentos da sociedade brasileira e aqueles presentes em duas diferentes localidades onde realizou pesquisas empíricas: comunidades dispersas por regiões do Golfo do México e junto a um pequeno grupamento de pescadores, localizado ao norte do estado norte-americano da Flórida. Deste estudo, surgiu a elaboração do capítulo “Família e mérito”, ponto alto da pesquisa — em termos da interpretação da realidade brasileira —, através do qual Zarur constata um fenômeno comum na América Latina, onde ocorre a “tradicional extensão do parentesco através do compadrio”, para, logo a seguir, inferir, de maneira brilhante e com toda a propriedade, que “uma hipótese interessante é a de que os brasileiros, mesmo quando não têm uma família extensa fisicamente próxima, recriam-na através de amigos e colegas. Constituem grupos de solidariedade para o qual são transferidas, em larga medida, relações sociais características da família” (p. 56). Assim — acrescenta —, “a sociedade patrimonialista, ao invés de opor o público e o privado à família e as relações profissionais, transforma as últimas em extensão da primeira”. Eis, portanto, uma refinada análise da dura realidade brasileira, convalidada sobretudo (e entre outros) pelo recente e vergonhoso episódio do escândalo envolvendo o ex-presidente Fernando Collor e o empresário P. C. Farias. Evidentemente, esta grave deformação social e moral não encontra ressonância ou estrutura similar em países desenvolvidos. É o caso dos EUA, por exemplo, onde a expressão sagrada *tax payer money* (dinheiro do contribuinte) é usada a qualquer momento como arma, por qualquer indivíduo, junto ao ágil sistema judicial, para impedir práticas clientelísticas e patrimonialistas.

Com base no estudo do processo de formação de grupos na cultura e na ciência brasileira, explora o papel da

eponímia, lembrando que entre os médicos, a identificação de doenças está frequentemente associada aos nomes de seus descobridores, assim como na Química, os instrumentos de laboratório têm os nomes de seus idealizadores. Já no caso da Zoologia e da Botânica, Zarur cita que tal é o número de espécies existentes no Brasil, que sequer existiriam biólogos em número e quantidade suficientes para homenagear, com seus nomes, as novas espécies descobertas. Segundo o autor, “só no Brasil calcula-se em cerca de 100.000 o número de espécies vegetais e em cerca de 350.000 o número de espécies animais, ainda não descritas”. Por esta razão “o saudoso zoólogo do Museu Nacional, professor Moogen, descobriu na década de 60 um novo gênero de ratos do cerrado, nas imediações de Brasília. Deu-lhe o nome de ‘Juscelinomys’, homenageando Juscelino Kubitschek. A espécie descrita batizou de ‘candango’. O presidente aceitou o epônimo ‘Juscelinomys candango’, com gratidão e humor...” (p. 48).

Seja como for, a obra deixa claro que a criação de centros, nichos ou ilhas universitárias de excelência está intimamente ligada ao trabalho de um grupo de líderes que, amiúde, têm de digladiar no centro de uma **arena** com opositores (cientistas e políticos) que resistem obstinada e feericamente ao avanço e à modernização da Ciência. Neste contexto, o livro apresenta como primeiro estudo de caso a área da Geofísica Aplicada, palco de encarniçadas batalhas — sobretudo com as agências de fomento às pesquisas, mas em especial com o CNPq —, envolvendo, também a Universidade Federal da Bahia, “onde o grupo se localizou e, mais tarde, na Universidade Federal do Pará, onde se expandiu”. No núcleo da liderança do bem sucedido esforço obtido no setor da Geofísica Aplicada, o autor pontua as figuras de Carlos Alberto Dias, José Maria Bassalo e Augusto César Pires, todos hoje da UFPA, verdadeiros catalisadores do que Emanuel Adler, em sua excelente obra *The power of ideology: the quest for technological autonomy in Argentina and Brazil* (Berkeley, University of California Press, 1991), caracteriza e descreve como “*subversive elites*”. Se no livro de Adler, por estrutura similar à apresentada na **Arena científica**, é mostrado o relativo sucesso da

informática no Brasil e pleno êxito do setor nuclear na Argentina, a obra de Zarur também registra a glorificação dos trabalhos do grupo de Geofísica Aplicada, irradiado do Pará e responsável, entre outros feitos, pela “recuperação da produção e reserva de petróleo no Recôncavo Baiano, que caía sistematicamente há 20 anos” (p. 94).

Na apresentação do segundo estudo de caso (Zoologia no Brasil), Zarur apresenta com riqueza de detalhes os relevantes trabalhos prestados pelo maior parasitologista do País, o professor Lauro Travassos, em Manguinhos, importante centro de pesquisas, onde outrora nascera a “moderna Ciência brasileira” (p. 107). Verdadeiro pai da helmintologia (estudos de vermes) brasileira, Travassos tinha a grandiosidade de recrutar para a sua área de atuação até mesmo pessoas sem formação superior. Zarur cita até mesmo “o caso de um carteiro, indivíduo considerado por Travassos como brilhante e com enorme facilidade para línguas, que foi promovido a zoólogo. Casos parecidos, de técnicos de laboratório e pessoas sem curso superior que foram treinadas como zoólogos, não chegavam a ser comuns, mas de quando em quando surgiam naquele tempo” (p. 109). Sem dúvida, um exemplo que poderia e deveria se repetir nos dias de hoje, quando muitos professores titulares corporativamente protegem seus apaniguados, tenham eles mérito ou não. Sempre, é óbvio, em detrimento de pessoas talentosas, mas excluídas do feudo acadêmico por repelirem ou simplesmente não pactuarem com o paternalismo e o clientelismo exercido pelo catedrático/titular. Prática que, por sinal, ainda sói ocorrer, com frequência, na grande maioria das universidades públicas brasileiras. Em seguida, Zarur apresenta outros desdobramentos da Zoologia no Brasil, citando os trabalhos de Paulo Vanzolini e as atividades científicas do brilhante e extraordinário professor Néelson Papávero. Este último, intelectual consagrado nacional e internacionalmente, sobretudo por suas relevantes contribuições às áreas de ponta da Zoologia, como a filogenética e a biogeografia por vicariância.

Por fim, *Arena científica* aborda a questão da Antropologia, identificando as principais raízes intelectuais e as condições intucionais que levaram ao seu desenvolvi-

mento no Brasil. Embora o autor explicita sua familiaridade com a área — na qual, aliás, obteve seu doutoramento —, é preciso que se registre o fato de ele haver omitido importantes trabalhos acadêmicos realizados no âmbito da USP e envolvendo cientistas do porte de Renato da Silva Queiroz, Renate Viertler, João Baptista Borges Pereira, Lux Vidal e Amadeu Lanna, só para citar alguns dos nomes preteridos dentro de uma análise que pretendeu ser a mais abrangente possível.

Livro de grandes méritos, notadamente pela alta densidade de informações e pela aguçada análise sociológica da realidade acadêmica brasileira, é de leitura obrigatória por parte de todos os que queiram se aprofundar nas questões referentes à Sociologia do conhecimento, à avaliação e condução das políticas de C&T no Brasil. *Arena científica*, contudo, apresenta o inconveniente de, talvez por ter sido produzido às pressas, encerrar deficiências quanto à forma. Improriedade, aliás, facilmente evidenciada mediante o simples folhear da obra. Assim, por falta de uma revisão mais acurada, suas páginas registram: “implicar em...”, ao invés de simplesmente “implicar...”, como preceitua a regra de emprego dos verbos transitivos diretos (v.g. p. 15); “Embora estivesse Levy-Straus pensando...”, em oposição a “Embora Levy-Straus estivesse pensando...”, como pressupõe o adequado e elegante uso da ordem direta na língua portuguesa (p. 17); “tem a haver...”, ao invés de “tem a ver...”, como requer o respeito ao vernáculo (p. 26, dentre muitas outras); “Podemos até admitir a possibilidade de que elas existem atualmente...”, em lugar de “Podemos até admitir a possibilidade de existirem atualmente...” (p. 41); “...são norma mertonianas.”, ao invés de “...são normas mertonianas.” (p. 43) etc... Por seu valor intrínseco, porém, o que se deseja é que o livro chegue o mais rapidamente possível à segunda edição. Mas, que esta, ao ser produzida, sofra uma severa e profunda revisão gráfica, ortográfica e estilística, o que certamente valorizará ainda mais a importante obra.

Paulo Marques